

# COMUNIDADE E ORAÇÃO

A oração não é um assunto privado, individualista, mas uma experiência pessoal que pode ser partilhada e, sobretudo, que precisa do apoio e da proteção constantes da comunidade, para poder crescer e frutificar.

Justamente porque a oração é a nossa maior vocação, necessita não só de uma cuidadosa atenção pessoal, mas, sobretudo, do apoio da comunidade. Nunca podemos permitir que se torne um assunto privado. A oração é uma espera paciente que precisa do apoio da comunidade. É a Igreja que espera e a comunidade cristã que encoraja e sustenta a espera de cada fiel. A fé pode ter expressões diferentes em cada cristão, mas nunca é individualista, é a fé da Igreja, uma fé implantada na vida da comunidade a que pertencemos.

A oração, como uma espera de Deus, alegre e confiante, que seria impossível sozinhos. Uma espera que ultrapassa as nossas capacidades humanas, uma espera que só é possível quando percebemos que não estamos sozinhos, que somos membros da Igreja, Corpo de Cristo, que encoraja e sustenta a nossa espera pessoal.

A comunidade oferece-nos o ambiente que nos toram capazes de procurar para além das nossas necessidades imediatas e, muitas vezes, mesquinhas. Oferece-nos as fronteiras protetoras, dentro das quais podemos escutar os nossos anseios mais profundos e descobriremos a presença de Deus. Garante-nos que estamos no caminho certo e que não estamos a satisfazermo-nos numa mórbida introspeção. É a Igreja que nos dá a certeza de que a nossa procura de Deus não é uma ilusão.

Na comunidade de fé podemos escutar os nossos sentimentos, a nossa solidão, os nossos desejos de um abraço ou de um beijo, os nossos impulsos sexuais, as nossas necessidades de compreensão, de compaixão, ou, apenas, de uma palavra amiga. É a comunidade que responde à nossa busca de discernimento e a nossa esperança de compaixão e amizade. Na comunidade de fé podemos escutar as nossas aspirações e anseios e encontrar a coragem, não para os evitar ou ocultar, mas para os confrontar, de modo a discernir neles a presença de Deus. Em comunidade podemos ajudar-nos uns aos outros na nossa espera solitária e também na perceção de que, no

centro da nossa espera, se encontra a intimidade primordial com Deus. Em comunidade, podemos esperar juntos, pacientemente, e deixar que o sofrimento de cada dia transforme as nossas ilusões na oração de um povo contrito. A comunidade de fé é, na realidade, o meio e a fonte de toda a oração.

### *Um povo talhado por Deus*

A palavra «comunidade» refere-se geralmente a uma forma de estar juntos que nos dá o sentido da pertença. Os estudantes queixam-se, muitas vezes, que não sentem a presença de uma comunidade na sua escola; os sacerdotes interrogam-se sobre como criar uma comunidade melhor nas suas paróquias; e os assistentes da ação social, esmagados pelas influências alienantes da vida moderna, tentam arduamente criar comunidades nos bairros onde trabalham. Em todas as situações a palavra «comunidade» aponta para uma forma de proximidade, na qual cada pessoa se possa sentir como uma parte importante de um grupo mais vasto.

A comunidade cristã, é importante lembrar este ponto, é uma comunidade de espera, uma comunidade orante, que não só cria uma sensação de pertença, mas também o sentido da indiferença.

É o lugar onde dizemos uns aos outros: «Estamos juntos, mas não podemos satisfazer-nos uns aos outros... estamos juntos para nos ajudarmos, mas estamos conscientes de que o nosso destino está para muito além da nossa proximidade. A comunidade cristã é um apoio para a expectativa comum, o que exige um discernimento constante para não fazermos dela um refúgio tranquilo ou um clube de amigos. A comunidade é o lugar que nos ajuda e encoraja na espera d'Aquele que está para vir.

A base da comunidade cristã não está ligada a laços familiares, ou à condição económica ou social das pessoas, tão pouco, pela atração mútua... mas pela chamamento divino. A comunidade cristã não é resultado de esforços humanos, mas uma iniciativa de Deus. Deus fez-nos o seu povo chamando-nos do «Egito» para a «Nova Terra», do deserto para a terra fértil, da escravidão para a liberdade, do pecado para a salvação, do cativo para a liberdade. Todas estas palavras e imagens exprimem o facto de que é Deus que toma a iniciativa, que é Ele a fonte da comunidade. É pelo Seu chamamento à Nova Jerusalém que nos reconhecemos uns aos

outros como irmãos e irmãs, comunidade peregrina para a eternidade; como povo de Deus, somos chamados *ekklesia* (do grego *kalea* = chamada; e *ek* = para fora), comunidade convocada por Deus chamada do velho mundo para o mundo novo que há de vir.

Neste mundo de hoje, onde desejamos quebrar as cadeias da nossa alienação é muito importante lembrar-nos uns aos outros que, como membros da comunidade cristã, não somos destinados, em primeiro lugar, a voltarmos-mos uns para os outros, mas todas para Deus. Os nossos olhos não se deveriam fixar-se uns para os outros, mas para Deus, origem e fim da nossa existência. Estamos juntos para seguirmos a mesma vocação e para nos apoiarmos, uns aos outros, na mesma busca. Portanto, a comunidade cristã não é um círculo fechado de pessoas que se abraçam, mas um grupo de companheiros que caminham para frente, unido pela mesma voz que requer a nossa atenção.

É compreensível que na Igreja haja muitos grupos ou pequenas comunidades: grupos de oração, grupos de estudos bíblicos e famílias, igrejas domésticas, que juntos formam o povo de Deus. Existe uma grande sabedoria escondida na torre sineira que convocava o povo, proveniente de vários ambientes, a sair de casa e formar um só corpo em Jesus Cristo. A igreja transcende as diferenças individuais e nos ajuda a sermos testemunhas de Deus, que faz brilhar a sua luz e dá a chuva sobre justo e injustos, pobres e rico, saudáveis e doentes. É neste encontro com Deus e nesta caminhada para Deus que nos apercebemos das necessidades do próximo e começamos a curar as feridas uns dos outros.

Durante estes últimos anos fiz parte de um pequeno grupo de estudantes que celebravam regularmente a Eucaristia juntos. Sentíamos-nos muito bem na companhia uns dos outros e tínhamos descoberto «o nosso próprio caminho». As canções que entoávamos, as palavras que utilizávamos, as saudações que trocávamos pareciam todas bastante naturais e espontâneas. Mas, quando chegaram alguns estudantes novos, descobrimos que esperávamos que eles seguissem o nosso caminho e fizessem «como nós costumávamos fazer». Tivemos que nos confrontar com o facto de nos termos tornado num clã, substituindo o espírito de Jesus Cristo pelo nosso. Então, descobrimos como é difícil abandonar hábitos familiares e criar espaço para os desconhecidos,

para tornar possível uma nova oração em comum.

A Igreja é chamada, e não sem razão, uma «Igreja peregrina», sempre em andamento, mas a tentação de se instalar num oásis confortável, foi e continua a ser demasiado forte. Por isso, o chamamento divino para a unidade é, com frequência, esquecido e, não só pelos indivíduos, mas por grupos inteiros que se deixam apanhar pela ilusão da segurança e a oração murcha como uma flor sem vida. Isto serve para explicar por que é que as ideias, os conceitos e as técnicas desenvolvidas e usadas nos grupos contemporâneos, não podem ser transpostas para a comunidade cristã sem serem bem avaliados.

Quando descrevemos a comunidade cristã ideal como uma «família feliz» ou como «um grupo de pessoas muito sensíveis» ou como um «grupo de ação», estamos a falar apenas de um traço secundário e transeunte. A vida da comunidade cristã poderá assumir padrões de comportamento e técnicas de outros grupos, mas serão sempre relativos, ao nosso entendimento da comunidade cristã como um povo moldado por Deus. Enquanto vivemos entre a primeira e a segunda vindas do Senhor, a comunidade cristã descobre o seu sentido numa espera paciente e expectante do tempo em que Deus será tudo em todos. A comunidade de fé aponta sempre para além de si mesma e fala uma linguagem própria, a linguagem da oração.

Texto elaborado por Padre Leo, a partir de:

Henry Nouwen. *Os três movimentos da vida espiritual*, pp. 141-145